

A retomada da identificação?: As representações discursivas da Seleção Brasileira Masculina de Futebol na cobertura d'O Globo no Rio-2016¹

Francisco Ângelo BRINATI²

André Ferreira LAMOUNIER³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

O Brasil, ao longo de uma representação de mais de cem anos, ganhou pelo esporte o epíteto de “país do futebol”. Contudo, desde as primeiras partidas, passando pela criação da seleção brasileira em 1914 até os tempos atuais, assistimos a uma mudança nessa ideia majoritária. A fatídica derrota na Copa de 2014 para a Alemanha culminou no momento de menor identificação nacional com o time. Mas a campanha dos Jogos Olímpicos foi marcante em diversos sentidos. Sendo assim, analisaremos neste artigo a trajetória da Seleção Brasileira Masculina na Rio 2016 pelas páginas do jornal O Globo e o impacto que isso trouxe para a representação da seleção na imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Representação; Rio 2016; Seleção Brasileira de Futebol; Identidade Nacional.

1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL NO BRASIL

O esporte começou amador no país, trazido por imigrantes que vinham trabalhar no Brasil. A versão mais conhecida do início da prática do futebol em terras tupiniquins surgiu com a volta ao Brasil do estudante Charles Miller, em 1894. Mas Mascarenhas (2014, p.49) aponta que “o futebol penetra no território nacional quase simultaneamente por vários pontos desconectados entre si (mas conectados com o exterior), como incursões independentes no movimento conjunto da difusão”.

A primeira partida da seleção brasileira de futebol aconteceu em 21 de julho de 1914, no Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, no jogo entre o Exeter City - clube da Inglaterra - e um combinado de jogadores paulistas e cariocas. Em 1919, a seleção conquista seu primeiro título: o Torneio Sul-americano de Seleções, realizado no Rio de Janeiro e que contou ainda com a participação de Chile, Argentina e Uruguai.

À época, o esporte era amador e os jogadores não recebiam salários, apenas uma bonificação, que era malvista, já que o ideal era de que os atletas deveriam jogar por amor à camisa. Mesmo assim, esses “salários informais” preconizavam a profissionalização do esporte, que viria anos mais tarde junto com os principais campeonatos do esporte. Com forte apoio econômico do Uruguai, a FIFA

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ, e-mail: chicobrinati@ufsj.edu.br.

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ. Artigo realizado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFSJ/FAPEMIG). E-mail: andreferreiralamounier@gmail.com.

decide pela realização da primeira Copa - em 1930 - naquele país, em que o próprio Uruguai se sagrou campeão. O jornal O Globo noticiou a participação do Brasil com otimismo.

[...] A todos esses jogadores, que se estréam com as côres da C.B.D, no prélio de agora, formulamos os mais veementes votos de victoria, não só na partida de hoje como nas demais que se sucederem, afim de que ao Brasil fique reservado o título tão ambicionado de todos. [...] É grande e justificada a ansiedade geral por este encontro, em que guapa gente, seleccionada pela Confederação Brasileira de Desportos, vae mostrar, em terra estrangeira, todo o seu valor sportivo e todo o seu amor pela bandeira, cujas côres defende. (O GLOBO, 14/07/1930, P. 1-2 *apud* BRINATI, 2016, p. 33).

A segunda edição do torneio foi realizada na Itália, no ano de 1934. Apenas Brasil e Argentina representaram a América do Sul. O Globo, à época, destacava o que seria o embrião do “estilo brasileiro” de jogar futebol. “Tínhamos malícia, tínhamos a intuição do arremate, apresentávamos uma variedade desconcertante de recursos” (O GLOBO, 26/05/1934, p.1-3 *apud* BRINATI, 2016, p.36). Entretanto, o time brasileiro acabou eliminado para a Espanha logo na primeira partida.

O terceiro mundial - realizado na França - continua a evocar aquelas representações: a de que os convocados vão representar todo o país e de que temos um estilo único de jogo, com ginga e malícia. Mas a Copa de 1938 elevou essas questões a um novo patamar. A equipe conquistou o inédito terceiro lugar e viu nascer os primeiros ídolos nacionais em Mundiais: o zagueiro Domingos da Guia e o atacante Leônidas da Silva, artilheiro daquela Copa. Trouxe ainda uma terceira representação, que também seria recorrente dali em diante: a figura do mito imortalizada na figura do craque do time.

Diante desses imaginários, Brinati argumenta:

Com a disputa dos primeiros Mundiais, nos anos 1930, a Seleção Brasileira passa, então, a se tornar um veículo perfeito para dar concretude à idealização de democracia social, verificada naquele momento, no Estado Novo. O fato de a equipe ser composta, também, por atletas mestiços que representavam o único país consolidou o veículo simbólico entre a nação e o desempenho do time nacional de futebol. A seleção passa a ocupar o papel de “elemento-síntese da nação” em cada competição que participaria. (BRINATI, 2016, p.277)

Em 1939 se deflagra a Segunda Guerra Mundial, que interrompe a realização dos jogos. Sete anos depois, a candidatura do Brasil para sediar a Copa seguinte - em 1950 - foi aprovada por unanimidade e representou a primeira grande investida política brasileira sobre o esporte, com a realização de construções tais como o Maracanã, que seria o maior estádio do mundo em capacidade de público. Já naquela época se questionava os gastos públicos com o evento. O time brasileiro era tido como grande favorito à conquista, mas a derrota no jogo final para o Uruguai, no primeiro grande campeonato sediado em casa, maculou – por ora - o projeto de tornar o Brasil um dos melhores times do mundo.

Fato é que a concepção do Brasil como um dos melhores do futebol se concretizou nos anos seguintes, principalmente pelas conquistas das Copas do Mundo de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, com a participação de atletas que se tornaram reconhecidos mundialmente.

Em 30 de outubro de 2007, o Brasil recebe a notícia de que sediaria - pela segunda vez - uma Copa do Mundo. A candidatura novamente foi única e, segundo Brinati (2016), fazia parte de um projeto político - como observado em várias outras candidaturas de vários outros países. Como anteriormente, as obras realizadas para receber o campeonato em 1950 foram questionadas nos jornais da época, mas em 2014 o nível de descontentamento foi exponencialmente maior.

No futebol, o momento pré-Copa também foi turbulento. O técnico Dunga foi demitido após o fracasso na Copa de 2010 e, para seu lugar, foi contratado Mano Menezes, que não resistiu aos revezes na Copa América e nos Jogos Olímpicos Londres 2012. Quem assumiu o cargo então foi Luiz Felipe Scolari, com apoio de Carlos Alberto Parreira como coordenador técnico. Juntos, acabaram tetracampeões da Copa das Confederações em 2013, o que aliviou a tensão para a disputa do ano seguinte.

No entanto, a Copa de 14 trouxe um novo revés, bem mais traumático do que em 1950: uma derrota para a seleção da Alemanha por 7 a 1 na semifinal, disputada no Mineirão em Belo Horizonte. Várias representações na imprensa apontavam para o afastamento do torcedor em relação à Seleção e contribuíram para uma queda na relação da equipe como “espelho da nação” (BRINATI, 2016).

Dois anos após a derrota, uma nova geração de jogadores conquista o “título que faltava”: a medalha de ouro olímpica para a seleção masculina de futebol, quando o país sediou sua primeira Olimpíada, a Rio 2016. Ainda assim, a turbulência política ainda resistia, com críticas sobre as obras e dúvidas quanto ao legado esportivo.

Neste artigo, analisaremos como foi a representação da Seleção Brasileira de futebol nas Olimpíadas do Rio-2016 nas páginas do jornal O Globo. Antes, porém, discutiremos como o futebol esteve ligado à identidade nacional ao longo da história.

2 A IDENTIDADE NACIONAL NO FUTEBOL BRASILEIRO

Souza (2008) afirma que, desde os primórdios do futebol no país, já existia a preocupação do impacto social, através da profissionalização ou não do esporte e de sua colaboração na construção de identidade brasileira. Ele ressalta ainda que “o profissionalismo, através dos times, ainda poderia causar uma desnacionalização, visto que muitos times foram criados por imigrantes, com forte referência a outros países” (SOUZA, 2008, p.95). Sobre a influência do esporte na construção da identidade nacional nos primeiros anos de futebol no país, Souza diz:

Para os ideólogos do período estava evidente a associação entre as práticas desportivas e a construção de uma identidade nacional. Assim, era necessário neutralizar os modelos contrários ao pretendido, principalmente os do malandro e do subversivo. Com esse objetivo, os esportes desempenhavam uma dupla função: como parte integrante do projeto educacional e como forma de espetáculo cívico. Em ambos os aspectos, o que ficava destacado era que se pretendia construir calçado no ideal da disciplina (SOUZA, 2008, p. 98).

Anos mais tarde, entre os anos 30 e 40, o futebol passou a ser trabalhado pelas forças políticas da época como elemento integrador do país. Como consequência desse enquadramento surgem, também, movimentos contrários, que apontam o esporte como “ópio do povo” e o futebol, como já era o mais praticado do país nessa época, seria um dos principais responsáveis dessa concepção. Essa perspectiva é recorrente em diversos momentos da história do futebol no país, apesar de contestada. Para DaMatta (1982, p. 23), “o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividades), sem referência à totalidade na qual está inserida”.

Vale ressaltar também que a construção de imagem da seleção brasileira foi bastante influenciada pela mídia e intelectuais da época. Dentre os trabalhos na mídia, um dos principais expoentes é Nelson Rodrigues, que dedicava parte do seu trabalho para comentar as partidas da seleção nacional. Souza apresenta um de seus comentários, logo após um jogo:

Amigos, a vitória de anteontem justifica uma meditação sobre o escrete. Pergunto: Para nós, o que é o escrete. Digamos: - É a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. (RODRIGUES, 1993, p.103 *apud* SOUZA, 2008, p. 17).

Outros grandes expoentes são o irmão de Rodrigues, o também jornalista Mário Filho, e o antropólogo Gilberto Freyre.

Dentro do projeto nacionalista e integracionista do Estado Novo, essa forma de entender a cultura se consolida no país. Nesse sentido, Mário Filho (1908-1966), um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil, foi fundamental para o uso do futebol como um meio de se ‘construir’ uma ideia de nação. Filho era amigo de Freyre, que prefaciou sua obra mais conhecida, *O negro no futebol brasileiro*, em que a junção do futebol com a nação se torna mais evidente. Freyre, por sua vez, escreve em sua coluna no *Diário de Pernambuco* (18/06/1938), ‘Foot-ball mulato’, artigo fundamental para a simbologia do futebol (HELAL, 2014, p. 20).

Mas não era só entre jornalistas e intelectuais que o assunto era discutido. O futebol e a seleção brasileira eram vistos pelos governantes como uma poderosa ferramenta de propagação de ideais.

Para o governo, mais importante que as vitórias dos jogadores na Europa era o entusiasmo que atingia todos os cidadãos, fossem eles ricos ou pobres, negros ou brancos. Mais do que uma representação positiva da harmonia social, o entusiasmo pelo futebol combinava o nacionalismo e o orgulho cívico, tão defendidos pelo

Estado Novo. Era preciso incentivar e controlar essa forma de manifestação social (SOUZA, 2008, p. 70).

A partir disso, buscaremos investigar, nas próximas páginas, qual foi o impacto dos Jogos Olímpicos Rio 2016 para a construção da história do esporte, na representação da identidade nacional e na criação de ídolos e vilões a partir da Seleção Brasileira de futebol. Mas antes, apresentamos a metodologia que guiará nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Charaudeau (2009) aponta que, para que haja comunicação, é necessário um contrato de compreensão entre enunciador e destinatário. No caso dessa pesquisa, o acordo que rege a troca de informação é baseado na credibilidade do ambiente jornalístico, levado em conta pelos leitores de que aquele que discursa é um profissional apto para tal. Além disso, o contrato pode ocorrer baseado na identificação prévia do leitor com a linha editorial do jornal. Vale ressaltar que, no contexto do jornalismo, as estratégias discursivas utilizadas para representação da notícia são escolhidas através do olhar dos jornalistas responsáveis pela publicação sobre o fato noticioso. Como afirma Bourdieu (1997), “os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem” (BOURDIEU, 1997, p.12).

Para Brinati (2016, p. 56), “Os meios de comunicação projetam discursos por meio de elementos cognitivos que possuem valor predominante e ‘alteram o rumo’ da realidade”. Esse processo de significação projetado pelos meios de comunicação influencia na construção imagética de heróis e vilões, bem como o pertencimento ou não-pertencimento a uma causa.

Neste trabalho realizamos uma análise das representações discursivas das reportagens publicadas nos jornais “O Globo” do ano de 2016. Serão analisados os jornais publicados nos dias de jogos da seleção brasileira e nos dias seguintes aos jogos das Olimpíadas do Rio, sendo possível assim analisar a expectativa dos jornais para o jogo e, no dia seguinte, a ressignificação sobre o que aconteceu ao longo da partida, a partir das referências da Análise do Discurso anteriormente apresentadas.

Construiremos um dispositivo analítico que enfocará questões como: o reforço dos estereótipos da seleção masculina olímpica de futebol, no uso dela como um emblema do Brasil e nas estratégias de “construção do mito” a partir da imagem do principal jogador da equipe, no caso específico, o atacante Neymar. Serão analisados textos de gênero informativo e opinativo, em que existe a expectativa por parte do eu comunicante de que o leitor esteja ciente de suas informações e opiniões. Vamos nos ater à análise da intencionalidade do emissor e não abordaremos as percepções

do receptor. Vale ressaltar ainda que nos textos que serão analisados, os sujeitos do ato de linguagem consistem no jornalista autor da reportagem, que traz, concomitantemente, seus editores-chefes e demais jornalistas que estão hierarquicamente acima do autor.

A escolha pelo jornal impresso se baseia num estudo realizado pela secretaria de comunicação social do governo federal. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, 84% das pessoas que lêem jornais estão interessadas em se informar. E um dos assuntos mais procurados pelos brasileiros na mídia são os esportes. O caderno é o segundo mais procurado, com a preferência de 24% dos entrevistados. (BRASIL, 2014, p. 65-78).

O jornal escolhido é “O Globo”, criado e editado no Rio de Janeiro – local onde aconteceram os Jogos Olímpicos de 2016 - e que possui a segunda maior circulação do Brasil, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação. Fundado em 1925 por Irineu Marinho, a publicação pertence ao Grupo Globo e tem circulação média de 183.404 jornais por dia (ANJ, 2016). Importante ressaltar que o mesmo grupo no qual está o periódico analisado possui os interesses de transmissão do megaevento disputado no Brasil, tendo interesses comerciais, financeiros e de divulgação do torneio.

Com o referencial teórico da análise do discurso (as intencionalidades e representações), com uma ferramenta influente de informação como objeto de pesquisa (o jornal impresso), com tiragem significativa e editado na cidade-sede dos jogos, daremos início a análise nas linhas a seguir.

4 ANÁLISE

4.1 O primeiro jogo

Nossa primeira análise de O Globo sobre a seleção masculina de futebol é do dia 4 de agosto de 2016, o primeiro de partidas do torneio de futebol e um dia antes da abertura oficial dos jogos. O time brasileiro encararia a equipe da África do Sul, num grupo que incluía também as seleções da Dinamarca e do Iraque.

O destaque inicial - que se tornaria recorrente ao longo do campeonato - é o atacante Neymar. O jornal rememora a última ocasião em que o jogador havia participado desse campeonato pela seleção e destaca a experiência dele - por ser um dos jogadores com mais de 23 anos⁴ e com isso, ter sido escolhido capitão. A matéria continua com uma entrevista com Pelé, que tece comentários sobre ele e sobre o time.

Outra matéria do dia demonstra otimismo com a equipe, como no trecho "a geração dá esperanças, mas tenta se afirmar"; reforça o papel de Neymar, quando diz que "o craque do time

⁴ As seleções dos Jogos Olímpicos têm 18 jogadores. Desses, apenas 3 podem ter mais de 23 anos.

(entra) pressionado a vencer" e comenta sobre a preparação para os Jogos Olímpicos, historicamente apontada como falha das seleções brasileiras, dizendo que temos um "projeto, mas ainda com toques de brasilidade", utilizando o termo brasilidade como "despreparo"; a inexperiência do treinador Rogério Micalle, o impacto no trabalho de Tite caso a equipe se tornasse campeã e o momento atual do futebol.

O jornal do dia seguinte ao jogo - que acabou empatado em 0 a 0 - aponta a estreia como "decepcionante"; o time brasileiro como "pouco promissor" e conclui dizendo que "só não foi pior porque o outro jogo do Grupo A, entre Iraque e Dinamarca terminou com o mesmo placar". Mas pondera com o pouco tempo de trabalho. "Foram só 90 minutos de um time reunido há apenas 18 dias. Mas a seleção cercada de expectativas boas já acumula interrogações" (O GLOBO, 05/08/2016, p.16, caderno Rio 2016). Por fim, o texto volta a lembrar que "o passado recente cobra uma conta". Na coluna de Fernando Calazans, acontece a primeira menção de que as mulheres estavam melhores do que os homens.

4.2 O segundo jogo

No dia 7 de agosto acontecia a partida contra o Iraque, válida pela segunda das três rodadas da primeira fase, e que teve status de jogo decisivo. Na matéria, "Decisão e tensão antes da hora", novamente assinada por Carlos Eduardo Mansur, destaca-se que "o plano inicial não era este" e o "ambiente (estava) desafiador": "Hoje, quando o time entrar em campo, até o estádio Mané Garrincha parecerá ameaçador" (O GLOBO, 07/08/2016, p.5, caderno Rio 2016). A matéria ainda toca na pressão exercida pelo torcedor, cogitando-se vaias durante o jogo caso o resultado não seja positivo. Um outro ponto é a tradição: o time brasileiro era bastante pressionado a vencer por ter, do outro lado, uma equipe de pouca história no esporte. Por fim, uma sub-retranca⁵ destacava a torcida brasileira contra a seleção olímpica alemã, levando em conta o resultado de 2014.

O dia seguinte ao jogo ficou marcado como o de maior pressão contra a seleção, que acabou empatando com a seleção iraquiana por 0 a 0. No título: "Futebol à beira de uma tragédia - seleção de Neymar mais uma vez atua mal, não consegue vencer a marcação do Iraque e vai pegar a Dinamarca sob risco de eliminação". Apesar de mencionar uma tragédia no futebol, essa matéria frisa que a seleção feminina vivia "um momento totalmente diferente", líder do grupo e classificada para

⁵ Sub-retranca é um texto a parte do texto principal, que aprofunda em determinado assunto correlato ao texto principal, com o intuito de relembrar fatos, dar novas informações/dados ou interpretações.

a próxima fase; como se o bom desempenho delas não fosse capaz de amenizar a "tragédia" que seria o desempenho deles.

Uma segunda matéria – dessa vez assinada por Carlos Eduardo Mansur - continuava apresentando o tom de pressão.

[...]. Porque existe um limite entre o aceitável e o suportável. É aceitável dizer que o time foi formado há pouco tempo, trata-se de um torneio de imprevistos e que futebol se faz com projetos, algo difícil para seleções hoje. Tudo isso é justo e real. O caso é que o futebol brasileiro não suporta mais tropeços desta natureza. A cota de constrangimentos parece esgotada, a pressão é enorme. Ter piorado sua situação na primeira fase da Olimpíada é só a consequência esportiva imediata. A seleção perdeu o crédito com o público. (O GLOBO, 08/08/2016, p.12, 2ª edição, caderno Rio 2016)

A matéria ressalta ainda a inexperiência do grupo de jogadores e técnico, que tiveram pouco tempo para treinar; o nervosismo dos jogadores e menções ao futebol feminino como protesto pelo fraco desempenho masculino, e termina com "Se a medalha de ouro vier, será após um enredo oposto ao imaginado" (O GLOBO, 08/08/2016, p.12, 2ª edição, caderno Rio 2016).

4.3 O terceiro jogo

A comparação entre a seleção feminina e masculina tomou conta das discussões daquele que seria o mais decisivo jogo até então, como o título destacava: "É garantir a vaga ou mergulhar de vez na crise" (O GLOBO, 10/08/2016, p.8, caderno Rio 2016).

A matéria ainda trata de alguns assuntos de forma questionável: num trecho, afirma que a "seleção principal ficou marcada para sempre com o 7 a 1 para a Alemanha" e, em seguida, afirma que "esta noite quem corre o risco de pagar um mico olímpico é o time de Neymar & Cia". (O GLOBO, 10/08/2016, p.8, caderno Rio 2016). Isso evidencia algumas questões: mesmo que Neymar fizesse parte de todos os jogos daquela seleção de 2014, menos o fatídico encontro com a seleção alemã, sua imagem não estava afetada pelo revés. Por outro lado, nas Olimpíadas, mesmo que outros jogadores tivessem destaque e reconhecimento, o time era taxado como "Neymar & Cia". Ambos os casos evocam a "personalização" do jornalismo esportivo em torno de apenas um dos jogadores, mesmo que em um esporte coletivo.

Noutro trecho, outras inconsistências. Se na primeira matéria publicada pelo jornal, a figura de Neymar era construída como a de um jogador mais experiente, por jogar num grande time e por ter mais de 23 anos - idade limite para os jogos - nesse momento se discute a falta de experiência dele e o peso excessivo da responsabilidade que tem para carregar.

No dia seguinte, a seleção masculina era elogiada pela vitória de 4 a 0 sobre a Dinamarca. Com o título "Do zero ao baile - Com quatro atacantes, Brasil encerra o jejum, atropela a Dinamarca

e espera a Colômbia nas quartas", a matéria de Carlos Eduardo Mansur demonstra uma percepção de que a seleção havia, finalmente, jogado o que se esperava.

Foi pela forma como se moveram, pela capacidade de o time ser incisivo sem deixar de trocar passes, se aproximar. Os 4 a 0 na Dinamarca, numa atuação absolutamente convincente, em que o jogo coletivo permitiu brilho individual, pareceram apontar que há um caminho de solução dos muitos problemas que o time apresentava. E que a disputa do ouro é, sim, possível. (O GLOBO, 11/08/2016, capa, caderno Rio 2016)

A matéria lembra ainda que a próxima adversária é a seleção da Colômbia, pelas quartas de final, tal como foi na Copa de 2014. E que manter o padrão seria crucial para a conquista do ouro.

4.4 As quartas de final

A pressão do início do campeonato praticamente se dissipou com a vitória sobre a Dinamarca. No jogo seguinte, na matéria pré-jogo, o título era: "Após os sparrings, um rival", como se as demais seleções até então enfrentadas tivessem sido apenas "um treino". A matéria ainda ressalta a percepção de que as quartas de final seriam mais difíceis que a semifinal. "Se aparentemente o chaveamento foi benevolente, colocando Coreia ou Honduras - que se enfrentam hoje, às 19h, no Mineirão - como rival da semifinal, por outro lado reservou uma quarta de final ingrata" (O GLOBO, 13/08/2016, p.10, caderno Rio 2016).

Já na coluna de Mansur, ele destaca nosso imediatismo por resultados e a falta de preparação para a Olimpíada.

A relação do país com o futebol olímpico é curiosa. Por pelo menos três anos, a existência do torneio é esquecida. Quando a Olimpíada bate à porta, lembramos que ela existe e, claro, exigimos ganhar. A isso, chamamos obsessão pelo ouro. Aliás, estranha obsessão. Como não nos preparamos, em geral, perdemos. E cumprimos nossa rotina: frustrados, apontamos vilões e os condenamos. Desta vez, houve alguma preparação. Não a ideal, porque o universo olímpico e o ambiente brasileiro não permitem. Mas como em futebol não há garantias, o risco de derrota existe. Se o Brasil perder hoje para a Colômbia, a atual geração será contestada, como se a questão não fosse coletiva, e Micale ouvirá veredictos sobre sua capacidade. Enfrentará Carlos Restrepo, que cuida da sub-20 colombiana e do projeto olímpico desde 2012. Neste período, o sub-20 do Brasil teve quatro treinadores. Que futuro terá Micale no mercado? Está pronto para voos maiores? O torneio olímpico, feito à base do improvisado, não ajuda a responder. Micale cumpre pré-requisitos: é atualizado, tem boas ideias e método. Mas a resposta só virá se tiver uma chance num projeto de longo prazo. Merece, seria interessante vê-lo. Se a seleção perder hoje, nosso resultadismo pode condenar o treinador ao exílio. E condenar nós mesmos a ficarmos sem a resposta (O GLOBO, 13/08/2016, p.10, caderno Rio 2016).

A seleção venceu aquela partida por 2 a 0, no Maracanã. E tanto o Estádio quanto o adversário fizeram parte da trajetória brasileira na Copa de 2014. Tanto que o início da matéria de Carlos Eduardo Mansur sobre aquele jogo evoca tudo isso:

O futebol brasileiro devia a si próprio, devia a sua história, este reencontro com o Maracanã numa decisão. Não é uma Copa do Mundo, mas será num torneio que poderá restaurar ao menos parte do orgulho, da autoestima nacional com o futebol. Foi preciso passar por uma prova dura. A Colômbia impôs obstáculos até então inéditos no Rio-2016 (O GLOBO, 14/08/2016, p.8, caderno Rio 2016).

4.5 A semifinal

Os jornais do dia davam amplo destaque à derrota da seleção feminina. Mas a essa altura, as comparações entre o time masculino e o feminino já haviam diminuído. Então, a cobertura sobre a partida entre Brasil e Honduras, que valia a vaga para a final, se baseou muito na diferença histórica entre as duas equipes. O título "Num duelo de contrastes, um rival cômodo no papel de azarão" indicava que o time brasileiro tinha toda a obrigação de sair com a vitória.

Noutro momento, falando sobre a pressão do jogo, a matéria questiona - mesclando com as opiniões de Rogério Micalé - a experiência dos jogadores que estarão em campo. "Ele tem maturidade desde jovem. Não é à toa que foi vendido para um dos grandes clubes do mundo" (O GLOBO, 17/08/2016, p.10-11, caderno Rio 2016).

O Brasil conquistou uma vitória expressiva - venceu a seleção de Honduras por 6 a 0. O resultado colocaria frente a frente as seleções de Brasil e Alemanha na final do torneio olímpico. E nesse momento, não houve quem não comparasse esse jogo com o da Copa do Mundo. Deu-se menos atenção ao jogo que havia acontecido e mais ao encontro que ainda ia acontecer na final.

Na matéria principal, inicia-se a construção do que seria aquele jogo.

Não é vingança, não será um jogo capaz de apagar a história nem de compensar 2014, porque talvez nunca haja um enredo igual: uma Copa do Mundo em casa, uma semifinal, um 7 a 1. [...] O que torna a final uma imensa história não é a possibilidade (impossível) de vingar o 7 a 1. É a mera existência dele. (O GLOBO, 18/08/2016, p.10, caderno Rio 2016).

A matéria faz questão também de contextualizar o momento da equipe: a vitória expressiva da semifinal veio em cima de um adversário considerado fraco. A luta pelo ouro inédito, o título que faltava, não era tão expressivo quanto uma Copa do Mundo. A final tinha muitas semelhanças e era uma boa história, mas para eles não seria entendida como vingança. Mas curiosamente, o mesmo jornal colocaria, noutro espaço, uma percepção um tanto diferente. No caderno especial olímpico de O Globo, a matéria sobre a seleção masculina de futebol tem título sugestivo: "Ouro pode ter gostinho

de vingança". A matéria até explica que os contextos são diferentes, mas que a final teria "contornos especiais" (O GLOBO, 18/08/2016, p.10, caderno olímpico).

4.6 A final e as ressignificações da conquista

A principal matéria anterior ao jogo final da Olimpíada discutia principalmente o peso histórico daquela final, mesmo que esses jogos não tenham uma mesma importância atribuída a outros campeonatos.

Na hierarquia internacional das competições de futebol, os Jogos Olímpicos guardam distância de uma Copa do Mundo, por exemplo. Não figuram na lista de prioridades das grandes estrelas internacionais. No entanto, poucas seleções já disputaram uma decisão de medalha de ouro com tamanhos efeitos associados ao seu resultado quanto o Brasil que, hoje, às 17h30m, enfrenta a Alemanha. (O GLOBO, 20/08/2016, p.8, caderno Rio).

O texto fortalece a importância da conquista não pelo torneio, mas sim pelo que ele representava, um símbolo de resistência do futebol brasileiro em meio a um período de dúvidas sobre a qualidade dessa geração de jogadores. Destaca também a mudança na trajetória histórica que a vitória daria ao treinador Rogério Micale, o impacto na seleção principal comandada por Tite e o reforço na condição de Neymar enquanto principal jogador da seleção. Por fim, lembra que a seleção feminina da Alemanha havia conquistado a medalha de ouro, no Maracanã - que rememora a conquista de 2014. E que a seleção feminina do Brasil não havia conquistado o terceiro lugar, perdendo a disputa para a seleção do Canadá por 2 a 1.

No dia 20 de agosto de 2017, o Brasil conquistaria a inédita medalha de ouro com uma vitória nos pênaltis, depois de 120 minutos de uma partida que terminou empatada em 1 a 1. Adiante, destacamos algumas representações evocadas:

A volta da autoestima da seleção brasileira:

Brasil campeão, a expressão que o futebol brasileiro, mais do que nenhum outro no mundo, precisava voltar a ter o direito de repetir. Não é só pela lacuna da medalha de ouro, é por voltar a produzir histórias alegres após tantas feridas duras de cicatrizar (O GLOBO, 04/08/2016, p.31).

Sobre a relação time/torcida: “Corria a prorrogação quando a Alemanha tentou tocar a bola. O fez sob a mais ensurdecidora vaia de que se tem notícia nos últimos tempos: uma aliança campo e torcida que andava distante num país em depressão futebolística” (O GLOBO, 21/08/2016, p.4, caderno Rio 2016).

Sobre o 7 a 1: “Nunca poderá ser considerada o troco pelos 7 a 1 da Copa, mas não importa. A sala de troféus está completa” (O GLOBO, 21/08/2016, p.8, caderno Olímpico).

4.7 O pós olimpíada

As últimas matérias sobre a seleção masculina de futebol destacavam a possibilidade de Rogério Micalle deixar o cargo em busca de alguma oportunidade em clubes do Brasil e exterior, aproveitando a visibilidade do ouro olímpico. Na matéria principal, destaque também para o aproveitamento dos jogadores daquele grupo na seleção principal. Porém, ainda existem dúvidas sobre o impacto dessa conquista:

A real dimensão do legado deixado pela seleção olímpica, que preencheu a única lacuna que faltava ao futebol brasileiro, ganhando a medalha de ouro na Rio-2016, será medida a partir de hoje, quando Tite anunciar sua primeira convocação para a seleção principal. (O GLOBO, 22/08/2016, p.13, caderno Rio 2016).

No dia seguinte, o jornal noticiava a primeira convocação de Tite enquanto treinador da seleção brasileira principal, para a disputa de dois jogos das eliminatórias. À época, o Brasil estava na sexta colocação e fora do grupo que ganharia vaga para a Copa Rússia 2018. Do grupo de jogadores que esteve na Rio 2016, 7 foram convocados por Tite naquela ocasião: Weverton, Rodrigo Caio, Marquinhos, Renato Augusto, Neymar, Gabriel, Gabriel Jesus.

5. CONCLUSÃO

Durante os 104 anos de Seleção Brasileira de Futebol, a percepção do público quanto à equipe e o esporte mudou muito. O que antes era praticado e admirado somente pelas elites, tornou-se o principal esporte praticado no país. O selecionado tornou-se símbolo da unificação nacional: lá estavam ricos, pobres, negros, brancos, índios, nascidos nos quatro cantos do país. Dentro dos campos de futebol, surgiram grandes heróis e vilões nacionais.

O interesse crescente pelo futebol e as conquistas da seleção brasileira, principalmente nas Copas do Mundo, somada às representações da mídia e o interesse político criaram uma simpatia imensa entre população e seleção. Apesar de alternar resultados bons (1958,1962,1970, 1994 e 2002) com ruins (1950, 1966, 1982), a seleção brasileira ainda mantinha um certo prestígio.

Essa relação entre torcida e time teve uma forte ruptura com o resultado de 2014. A derrota para a Alemanha em 2014 representou o momento de menor identificação com a seleção. O resultado de 7 a 1 foi fundamental, mas fatores como a organização ineficiente dos jogos, o alto investimento na construção de estádios e as denúncias de corrupção da CBF também contribuíram para que o torcedor se afastasse.

Em 2016, um novo grande campeonato seria realizado no Brasil. Os jogos Olímpicos do Rio também estiveram envolvidos com organização ineficiente, denúncias de corrupção e

questionamentos sobre o investimento demandado. Mas o torneio de futebol era, mais uma vez, a chance de o time brasileiro conquistar o título que faltava: o de campeão olímpico.

As representações discursivas trabalhadas ao longo do campeonato têm algumas coisas em comum com outras representações trabalhadas ao longo de toda a existência da seleção. Desde o primeiro conteúdo publicado, antes mesmo do primeiro jogo da seleção, até o último conteúdo, o jornal O Globo trabalhou na construção do mito. E essa figura foi, na maior parte das vezes, a do atacante Neymar.

Uma outra evocação constante ao longo do campeonato foi a questão da experiência. Se no começo, Neymar era visto como experiente, em outro momento - de forte turbulência, por sinal - questionava-se a responsabilidade de Neymar. Fato é que as representações sobre juventude e experiência durante os Jogos Olímpicos 2016 foram sem razão: não há muitos motivos para comentar sobre a inexperiência de um elenco num campeonato onde todos os times são compostos por jogadores jovens.

Uma outra representação bastante recorrente no contexto da seleção brasileira é o “estilo brasileiro” de jogo, que como citamos neste artigo, foi trabalhado pelo jornal O Globo desde as primeiras coberturas da seleção. Essa representação voltou na cobertura dos Jogos Olímpicos, após a vitória contra a Dinamarca por 4 a 0. O esquema tático escolhido, segundo o autor do texto analisado, era uma reutilização do esquema do Brasil de 1958 e destacava a movimentação dos jogadores e um jogo que “permitiu brilho individual”.

Vale destacar que a representação do Brasil enquanto símbolo nacional não foi recorrente. Pelo resultado da última Copa do Mundo, surgiram mais representações de “resgate da autoestima”. A vitória sobre a Alemanha não foi considerada uma vingança - talvez pelo resultado da final - mas os jornais apontaram uma melhora na relação time/torcida, com gritos de apoio ao time canarinho. Por fim, a cobertura do jornal O Globo apontava que a conquista do ouro serviria também para diminuir a pressão da seleção principal, além de ajudar na escolha da equipe, se baseando nos jogadores do time olímpico. Vários jogadores que estiveram na Rio 2016 foram convocados por Tite.

Portanto, a vitória da seleção brasileira, sob a intencionalidade da cobertura do jornal O Globo, não serviu para resolver o desinteresse provocado por 2014, nem serviu para fazer do time “o símbolo da nação”. Mas a conquista das Olimpíadas melhorou esse cenário e amenizou a rejeição pela seleção, reaproximando a torcida do time e preparando terreno para que o então novo treinador da Seleção - Tite - tivesse menos pressão para iniciar e conduzir o seu trabalho.

REFERÊNCIAS

ANJ. **Maiores Jornais do Brasil**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em 14 set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Oeiras: Celta, 1997.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. P. 77.

HELAL, Ronaldo. **Pátria de chuteiras? Como os brasileiros pensam a seleção**. Ciência Hoje. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 314, p. 16 - 21, mai 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 4 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2016.

_____. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2016.

RODRIGUES, Nelson. **À sombras das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entra em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional**. São Paulo: Annablume, 2008.